

# Palavras à Academia (\*)

DOLOR BARREIRA

Tenho sob os olhos, neste instante, para mim, de irreprimível emoção o discurso com que MACHADO DE ASSÍS se investiu no cargo de PRIMEIRO PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: não passa de uma página, minguada em verdade na extensão, mas de conteúdo substancioso e rico.

Agradecendo a escolha, que traduziu como a “consagração da idade”, ao mesmo tempo que assegurou buscar, na medida do possível, corresponder à confiança da Academia nascente, definiu a instituição, analisou-lhe, em traços rápidos, as aspirações e os propósitos, disse que já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais constituía indício de que a tradição era o seu primeiro voto, acrescentando, na sua frase seca e incisiva, embora lapidar: — *CABE-VOS FAZER COM QUE ELA PERDURE.*

É possível que me alongue um pouco mais além da medida a que o grande mestre submeteu a sua alocução; serei, todavia, breve, mesmo porque só assim consegue agradar o orador, qualquer que seja a sua estatura, sejam quais forem os seus recursos.

SENHORES ACADEMICOS: — Elegendo-me para este lugar, cometestes-me, talvez sem o pensardes, uma pesadíssima sucessão.

Basta dizer-vos que sou o quarto na magestosa ordem em que se alinham — fulgurantes expressões do pensamento e da emotividade nacionais — THOMAZ POMPEU, dos poucos, no sentir de *Várias Brito*, que em nosso país abraçavam o círculo todo inteiro dos conhecimentos humanos, podendo-se dizer, não só que era um espírito viajado por todos os ramos do saber, mas precisamente que tinha os melhores elementos para constituir o exemplo raríssimo de uma ilustração enciclopédica; ANTONIO SALES, como diria *Martins de Aguiar*, poeta da estirpe de Bilac,

---

(\*) Discurso de posse na Presidência da A. C. L., no dia 24-5-952.

Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, e Vicente de Carvalho, e prosador da linhagem de Machado de Assis e Eça de Queiroz; e POMPEU SOBRINHO, como alguém disse, a maior cultura do Ceará contemporâneo pela vastidão e profundidade da ciência, que acumulou.

Tão insigníssima sucessão implica, sem sombra de dúvida, a mais alta responsabilidade, de que tenho plena consciência; mas, uma vez que de tal forma generosa confiastes em mim, buscarei na medida do possível, — servindo-me das próprias palavras do imortal artista das MEMÓRIAS POSTUMAS DE BRAZ CUBAS — corresponder á vossa confiança.

SENHORES ACADÉMICOS: — A tradição — como asseveraria MACHADO DE ASSIS em referência a então recém-nascida Academia Brasileira — não é apenas o primeiro voto da ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS.

E não o é, porque esta já representa, em si mesma, uma tradição, pode mesmo dizer-se: uma tradição viva, indefectível, inalienável.

Fundada em 1894, velha, portanto, de quase sessenta anos, com quatro fases em que se estadeia contudo sempre igual a si mesma, tem um passado que, pelas conquistas que realizou, e pelas glórias que conta, está indissolúvelmente ligado á história da nossa inteligência, ou, me expressando por outros termos, é uma das melhores verbas do nosso patrimônio litero-cultural.

Na primeira fase abrigou, no seu seio, os que a idealizaram com os santos e incompressíveis entusiasmos da mocidade: THOMAZ POMPEU, JUSTINIANO DE SERPA, PEDRO DE QUEIROS, VALDEMIRO CAVALCANTE, FARIAS BRITO, Pe. VALDEVINO NOGUEIRA, ALVARO DE ALENCAR, ANTONIO AUGUSTO, GUILHERME STUDART, ANTONIO BEZERRA, ALVES LIMA, que, todos, tanto fizeram em seu prol, pela palavra, como pela pena, falando nas suas sessões ou escrevendo na sua REVISTA, cujo primeiro número, com a divisa: — FORTI NIHIL DIFFICILE — circulou em 1896, perdurando galhardamente, e sem interrupção, até 1914, e em cujas páginas, conforme salientei na HISTORIA DA LITERATURA CEARENSE, se encontram trabalhos verdadeiramente notáveis: — ensaios sobre filosofia, de Farias Brito; estudos demográficos e de economia agrícola, de Thomaz Pompeu; pesquisas sobre a história cearense, de Guilherme Studart; descrições e observações sobre a flora e a fauna do Ceará, de Henrique Theberge; artigos de crítica literária, de Clovis Bevilacqua, Pedro de Queirós e Rodrigues de Carvalho e produções jurídicas, de Pedro de Queirós e Justiniano de Serpa.

Sobrevindo um ligeiro colapso nas actividades intellectuais do insigne sodalício, em virtude do desaparecimento da sua *Revista*, que, contra toda expectativa e num milagre de persistência, ainda chegou a entregar ao público 19 tomos, reorganizou-se e reinstalou-se a Academia, em 1922, gra-

ças á iniciativa de LEONARDO MOTA, secundada pelo apoio de “um dos maiores entusiastas da fase anterior” JUSTINIANO DE SERPA, em cujo espirito sempre moço ardia perenemente o fogo sagrado.

A Academia, porém, teve apenas tempo de recompor o quadro dos seus sócios efectivos e respectivos patronos, bem assim de aprovar os novos Estatutos, de acordo com os quais, ela, entre outros fins particulares, teria o de promover a cultura da lingua nacional e a nacionalização da produção literária cearense.

Foi nenhuma, na realidade, a sua actuação, com a doença e morte consequente de JUSTINIANO DE SERPA.

Essa, como escreveu, com toda razão, LEONARDO MOTA, acarretou a do cenáculo de que ele era o preclaro animador.

“Segundo adormecimento sucedeu a esse breve despertar”.

Mas, em 1930, WALTER POMPEU, prestigiado por MATOS PEIXOTO, que era membro da Academia “desde o inicio de 1922”, tentou “nova reversão á luta”.

A Academia Cearense de Letras restaurou-se. E embora se fizesse constar dos seus *ESTATUTOS* reformados um dispositivo em que se declarava tratar-se de um grêmio novo e reconstituído, a verdade é que a nobre associação assim restaurada era legítima continuadora da que nascera em 1894 e reaparecera em 1922.

Nessa terceira fase ainda logrou a Academia trazer á lume cinco numeros da sua *Revista* — agora denominada REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, um deles dedicado a MACHADO DE ASSIS, no centenário do seu nascimento, e um outro a ANTONIO SALES, por ocasião do primeiro aniversário de sua morte.

Em sessões solenes ainda recebeu LEONARDO MOTA e ALBA VALDEZ, aquele — escritor de raça — traçando o perfil intellectual de OTTO DE ALÊNCAR e JOSÉ SOMBRA, e esta — também prestigiosa escritora — o de JUSTINIANO DE SERPA e LEIRIA DE ANDRADE.

Hoje, com a incorporação da ACADEMIA DE LETRAS DO CEARÁ, formando um todo homogéneo e indivisível, a ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS reata as glórias do seu passado, reafirma-se na sua tradição de inteligência, de pensamento e de cultura, marchando, triunfalmente, para os seus altos destinos.

Essa tradição, é o que forcejarei por conservar e manter, tributando assim um preito de reverência e louvor aos que, num assomo de sadio e incorruptível idealismo, a imaginaram, fundaram e fizeram frutificar.

SENHORES ACADEMICOS :

É escusado dizer-vos que farei, pela ACADEMIA, o que estiver ao meu alcance.

Procurarei, antes do mais, dar-lhe uma séde própria, independen-

te, condigna, libertando-a da dura necessidade que a fez andar, até hoje, de léu em léu.

Não regatearei esforços no sentido de fazer recircular, com a possível brevidade, a sua REVISTA, que se constituiu sempre o mais efectivo auxiliar na expansão da nossa ciência como das nossas letras, através de penas amestradas e primorosas que nada tinham a invejar as melhores do Brasil.

Quanto á nossa incipiente, mas já apreciável BIBLIOTECA, tratarei de catalogá-la, segundo os modernos processos técnicos, e registrá-la convenientemente no INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO, tornando-a, assim, apta a prestar ao público os benefícios que as bibliotecas bem organizadas sóem proporcionar.

SENHORES ACADEMICOS : ,

A Academia só vos cabe a vós fazer com que ela perdure, digo reproduzindo o conceito machadiano. Aliás não só que ela perdure, mas que perdure próspera, acreditada, vitoriosa, sempre fiel ao seu programa, cada vez mais digna de apreço pelas suas benemerências.

Acredito isso se obterá com os intuitos de que estou possuido, coadjuvados pela vossa vigilante e actiosa colaboração, de que preciso, a que não renuncio e com que conto.

A todos vós — ao empossar-me no lugar que a vossa bondade me designou — a EXPRESSÃO DE MEU MAIS PROFUNDO RECONHECIMENTO.